

# TRADUÇÃO

## NEOPLATONISMO E SPINOZISMO\*

ÉMILE BRÉHIER \*\*

TRADUÇÃO DE WANDEILSON SILVA DE MIRANDA \*\*\*

**B**ayle escreveu em seu Dicionário crítico (art. Plotino, Rem. D), falando das obras de Plotino: “Observando toda a metafísica, mesma a mais rebuscada, parece que em certos pontos essa filosofia não se distancia muito do spinozismo... O que Plotino queria dizer quando escreveu dois livros para demonstrar *unum et idem esse totum simul adesse*? Não seria para ensinar que o ser que está em tudo é um só e a mesma coisa? Spinoza sobre isso interrogou mais ainda. Plotino examina em um outro livro se existe várias almas ou se existe somente uma”. Os contemporâneos de Spinoza tinham uma boa ideia da tradição a qual o autor da *Ética* pertencia. Falando da doutrina de um Espírito universal único “que anima todo o universo e todas as suas partes”, Leibniz (éd. Gerhardt, VI, 529) segue essa doutrina desde Aristóteles e Averróis (1126 – 1198) até Pietro Pomponazzi (1462 – 1525) e Philippe Naudé (1654 – 1729), e a isso adicionamos: “Spinoza, que admite que uma só substância, não se distancia muito da doutrina do espírito universal único”, doutrina à qual Leibniz aproxima Miguel de Molinos (1628 – 1696), os Quietistas, e todos aqueles “que opinaram do Shabat ou repouso das almas em Deus”.

Essa tradição se perdeu e as obras de Spinoza sobreviveram; seus leitores que a ignoram têm naturalmente procurado encerrá-lo nas grandes filosofias racionalistas do século aos quais ele se aproxima de resto por vários laços. Entretanto, toda uma parte da doutrina torna-se ininteligível ou deturpada por interpretações forçadas. Os eruditos que, há cerca de trinta anos<sup>1</sup>, procederam com as pesquisas sobre o ambiente holandês, judeu ou cristão, nos quais se formou e desenvolveu o pensamento de Spinoza, têm em contrapartida lançado luz sobre a existência dessa tradição, que a descoberta do *Curto Tratado* (TIE), em 1862, veio apoiar. Ressaltamos a influência de Giordano Bruno, supondo que Spinoza tinha conhecimento do filósofo italiano pelo seu mestre de latim, Van den Endem; a de Hasdai Crescas (1340 – 1410); a do italiano Leão Hebreu<sup>2</sup> e de seu *Dialoghi d'Amore*.

Essa pesquisa das fontes, por mais preciosa que seja para a história literária, interessa para a filosofia apenas pela existência real de uma afinidade entre a direção do espírito do neoplatonismo e aquela de Spinoza. Plotino é, assim como Spinoza, o inimigo do princípio da finalidade que introduz em Deus um entendimento análogo ao nosso e que cria a ficção de um artista divino, e Spinoza emprega, contra a finalidade, um dos grandes princípios do plotinismo: *ille effectus*

\* Émile Bréhier. In. *Études de Philosophie Antique*. Paris: PUF, 1955.

\*\* Filósofo francês nascido em 1876 (Bar-le-Duc, França) e falecido em 1952 (Paris) muito conhecido pelos seus textos sobre a história da filosofia.

\*\*\* Professor de Filosofia na Universidade Federal do Maranhão - UFMA, *campus* de São Bernardo.

1 O texto, originalmente, escrito em 1939 e faz referência aos estudos publicados na *Chronicon Spinozanum* e pesquisas sobre as condições históricas relacionadas ao desenvolvimento do pensamento de Spinoza, p. ex, Theodor C. Amerer, *Spinoza und Schleiermacher: Die kritische Loesung des Spinoza hinterlassenen Problems* (1903); J. Freudenthal und C. Gebhardt, *Spinozas leben und Lehre, I-II* (1927) e em França Madeleine Francès, *Spinoza, dans les pays neerlandais de la seconde moitié du XVII siècle*, Partie I et II (1937).

2 Na realidade Leão Hebreu é de origem portuguesa, sua data de nascimento e morte não é consenso entre os estudiosos, porém, registram seu nascimento em 1560 e a morte em 1635. Émile Bréhier, provavelmente, confunde-se aqui, pois a maior parte da vida de Leão Hebreu passou-se na Itália após a expulsão da família de Portugal e depois da Espanha, fugindo da perseguição e da conversão forçada; do mesmo modo sua obra aparece na Itália e tem repercussão ao longo do século XVI, *Diálogos de Amor*, que é permeada pelo helenismo propagado pelo Renascimento.

*perfectissimus est, qui a Deo immediate producitur, et quo aliquid pluribus causis intermediis indiget, ut producat, eo imperfectius est*<sup>3</sup>. Plotino, como Spinoza, é inimigo de uma mitologia metafísica que empresta às hipóstases divinas uma história e as paixões humanas. Plotino, como Spinoza, pensa que todo o possível foi realizado *ex summo nimirum ad infimum perfectionis gradum*<sup>4</sup>.

Portanto, o princípio comum de suas filosofias, que poderíamos denominar de princípio do ser pleno, e que pareceria ter por resultado (é isso que se conclui das críticas de Spinoza no século XVII) de reabsorver o indivíduo no universal, não impedindo nem um nem outro de colocar como uma certeza a existência dos indivíduos; as *res singulares* não são as ficções devidas às experiências enganosas dos sentidos; elas são fundadas na razão: “Há as ideias dos indivíduos”, afirma Plotino contra o platonismo vulgar; “as coisas singulares estão em Deus e são concebidas por Deus”, afirma Spinoza. A singularidade não está, portanto, associada, segundo eles, às condições da existência sensível, à duração, à memória, à imaginação; ela é em sua essência, tanto quanto ela está ligada a Deus, independente. Como Spinoza, Plotino recusa a memória e a imaginação à alma que atingiu o nível das realidades inteligíveis.

Do fato de que a essência singular, na medida em que é deduzida da essência de Deus, é posta com uma necessidade eterna, não se segue que a alma não estaria “destinada”; parece-nos ser o contrário, é que a destinação é concebida como uma sequência de momentos se sucedendo segundo o tempo, como uma imortalidade que começa após a morte. Esta não é a duração da alma tomada em relação com a existência do corpo, uma vez que, indivisível e eterna, essa duração não tem nenhuma medida comum com a duração temporal. O fim do homem consiste, portanto, não em tornar-se alguém que ele não é (como se tal possibilidade estivesse aberta num mundo completo e necessariamente determinado), mas em se conhecer em sua essência ou, o que dá no mesmo, em sua relação com Deus e *sub specie æternitatis*. Para Spinoza, assim como para Plotino, a alma tem “alguma coisa que dela permanece e que é eterna”; a alma, diz Plotino, não desce verdadeiramente no corpo; ela permanece inteligível; conhecermos, é saber que nosso eu (moi) é essa alma em si mesma. O essencial, nos dois pensadores, é que eles só pensam no conhecimento de Deus em sua conexão com o conhecimento de nós mesmos, na medida em que estamos inteligivelmente ligados a Deus.

Por fim, esse conhecimento está ligado essencialmente ao amor de Deus, que é em si mesmo a beatitude. Existe aí um traço comum a cada uma das doutrinas, e que as separa da doutrina que faz do amor algo independente do conhecimento e superior a ele, nascida de uma união que já não é completamente conhecimento. Este traço vem de Platão, do qual Plotino formula exatamente o pensamento, quando ele diz que o Bem contém a razão pela qual nós o desejamos; esse amor é, portanto, como diz Spinoza, um amor intelectual, onde o prazer nasce do conhecimento ativo, amor eterno como esse mesmo conhecimento. – É verdade que encontramos em Spinoza uma *reduplicatio amoris* que passa a ser contrário ao espírito do platonismo: “Deus ama os homens”. Porém, observo: 1º que, em Spinoza, esse amor de Deus pelos homens é idêntico ao amor da alma por Deus, e finalmente idêntico ao amor que Deus tem por si mesmo; 2º que, em Plotino, o amor não é mais o ser carente, o *daimon* que é o Eros platônico, porém, ele é a realidade suprema: “O Um é idênticamente objeto amado, amor e amor de si”, fórmula que Leão Hebreu traduziu do seguinte modo: “In lui l’amante e l’amato e il medesimo amore è tutto una cosa”<sup>5</sup>.



3 “[...] é perfeitíssimo aquele efeito que é produzido imediatamente por Deus, e quanto mais algo precisa de muitas causas intermediárias para ser produzido, tanto mais é imperfeito.” (EI, App)

4 “[...] desde o grau o mais elevado ao mais baixo grau da perfeição [...]”. (EI, App)

5 Nele o amante e o amado e o mesmo amor é tudo uma só coisa.